

A metáfora do jogo de xadrez na linguística saussuriana

Thales de Medeiros Ribeiro

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil
thalesmedeirosribeiro@hotmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.730>

Resumo

Neste ensaio, fazemos um comentário sobre a comparação saussuriana da língua (*langue*) com uma partida de xadrez no(s) *Cours de Linguistique Générale*; nos cadernos de Riedlinger, Patois e Constantin e nos *Écrits de Linguistique Générale*. Problematizando o processo de estabelecimento de uma terminologia científica, questiona-se qual é o papel da metáfora do jogo de xadrez na teoria saussuriana. Por meio dessa metáfora, Saussure desenvolveu a concepção de língua (*langue*) como um sistema de regras e valores puros. Consideramos que as metáforas saussurianas não são, portanto, redutíveis a uma questão somente estilística ou didática. Este estudo se insere no quadro teórico da História das Ideias Linguísticas em produtividade específica com a Análise de Discurso.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Ferdinand de Saussure (1957-1913); História das Ideias Linguísticas; metáfora do jogo de xadrez; metalinguagem.

The Chess Game Metaphor in Saussurean Linguistics

Abstract

This essay discusses Saussure's comparison between language (*langue*) and the chess game in *Cours de Linguistique Générale*; in Riedlinger's, Patois' and Constantin's notebooks; and in *Écrits de Linguistique Générale*. By discussing the process of establishing a scientific terminology, the role of the chess game metaphor in Saussure's theory is questioned. Through that metaphor, Saussure developed the conception of language (*langue*) as a system of rules and pure values. Therefore, it is considered that Saussure's metaphors are not only reducible to a stylistic or didactic issue. This study is situated in the theoretical framework concerning the History of Linguistic Ideas and French Discourse Analysis.

Keywords: Discourse Analysis; chess game metaphor; Ferdinand de Saussure (1957-1913); History of Linguistic Ideas; metalanguage.

Introdução

Neste ensaio, a partir de um percurso de leitura *materialista*, faço um comentário sobre a comparação saussuriana da língua com uma partida de xadrez no *Curso de Linguística Geral* (CLG), estabelecendo comparações pontuais com a metáfora nos cadernos de Albert Riedlinger, Charles Patois (*Deuxième Cours de Linguistique Générale 1908-1909*) e Emile Constantin (*Troisième Cours de Linguistique Générale 1910-1911*)¹. Objetivo mostrar, a partir da relação entre valor e jogo, como a metáfora do jogo de xadrez concebe o objeto língua como um *sistema de regras e valores puros*. Para Françoise Gadet e Michel Pêcheux (2010), nas notas manuscritas do CLG², o conceito de valor tem um lugar muito mais

¹ Não faço uma leitura “exaustiva” de todas as recorrências em que essa comparação é feita.

² Referência à edição de *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale* de Robert Godel: “o conceito de valor tem nas notas originais do *Curso* um lugar bem mais importante que o que aparece na

importante do que na edição de Charles Bally e Albert Sechehaye, inclusive na ordem de disposição dos tópicos. Da mesma forma, a metáfora do jogo de xadrez, inseparável do conceito de sistema de valores-diferenças, é tão recorrente nas notas manuscritas de Saussure editadas posteriormente quanto nos cadernos dos alunos.

Produtividade específica entre História das Ideias Linguísticas e Análise de Discurso

Por meio da articulação entre História das Ideias Linguísticas e Análise de Discurso, traço uma relação da metáfora no *CLG* com a terminologia dos valores-diferenças.

Um dos pontos de contato dessa articulação entre a AD e a HIL reside em uma visão histórica da ciência e, particularmente, do que chamamos as ‘ciências da linguagem’ [...]. Note-se que tal articulação não se dá ao modo da interdisciplinaridade ou de uma complementaridade. A AD e a HIL têm seus métodos específicos, mas a partir do contato entre esses dois domínios e das questões que um coloca ao outro, temos ressonâncias tanto em uma quanto em outra direção. (NUNES, 2008, p. 109).

As obras aqui lidas não são tomadas como documentos transparentes, sem história nem memória, elas se realizam segundo modos específicos de se produzir conhecimento em determinadas conjunturas históricas. Em outros termos, as obras que formulam os saberes são produzidas segundo práticas de produção do conhecimento em face às instituições que organizam tais práticas (GUIMARÃES, 2004).

Na produtividade específica entre AD e HIL,

A visada discursiva faz com que temas comumente abordados na História das Ideias Linguísticas, como *conceitos e teorias, obras, autores, instituições, periodização*, recebam um tratamento específico quando vistos sob a ótica da AD. Tomemos, por exemplo, a questão da autoria. Não se trata apenas de identificar o autor empírico e de construir uma biografia que o apresente, mas sim de observar e descrever o funcionamento discursivo da autoria em determinadas circunstâncias. (NUNES, 2008, p. 110, grifo do autor)

É impossível pressupor que a interpretação dos textos saussurianos seja distinguível de um percurso histórico de sentidos em torno de seu nome³ (CHISS; PUECH, 1994) e das séries de edições que surgiram a partir do final da década de 1950. A começar pela própria compreensão de autoria do *CLG*:

En fait, le *Cours* fonctionne bien comme une oeuvre depuis sa publication ; pourtant, il n'en est pas une, si une oeuvre est conçue comme un texte attribuable, de part en part et dans le détail, à un auteur. Il est vrai qu'on peut renverser la proposition : puisque le *Cours* fonctionne de fait comme une oeuvre, alors il prouve matériellement que la notion d'oeuvre ne suppose pas, contrairement à ce qu'on croit, l'auteur comme préalable. C'est bien plutôt l'inverse : Saussure est devenu rétroactivement l'auteur du *Cours*, bien qu'il n'en ait, au sens strict, pas écrit une page. (MILNER, 2002, p. 17)

Segundo Louis-Jean Calvet (1977), a versão mais conhecida do *CLG* passou para a posteridade uma “imagem de marca” saussuriana. O autor adverte que o verdadeiro problema

apresentação de Bally e Sechehaye. Godel mostra que, na ordem de apresentação dos cursos, o arbitrário do signo só aparece como consequência da tese sobre o valor” (GADET; PÉCHEUX, 2010, p. 61).

³ Nesse sentido, parece-me bastante pertinente a expressão função-autor, de Michel Foucault (2009), que comporta tanto uma série de textos que trazem uma *assinatura* definida (mesmo que o “autor” não a tenha escrito), quanto outras formas de determinações (séries de obras, disciplinas inteiras).

não é (não deveria ser) restituir hoje o “verdadeiro” Saussure “a figura completa do ‘mestre’, procurar atrás da versão vulgata do *Curso* a verdadeira matéria dos cursos, ou ainda procurar além dos cursos os interesses profundos de Saussure” (CALVET, 1977, p. 49). Muito mais do que retornar ao “verdadeiro” Saussure, a heterogeneidade das fontes (notas manuscritas, anotações de alunos, edições póstumas), o *patchwork* (emaranhado) das edições, o imenso arquivo de leitura dos textos saussurianos⁴ constituem *versões* (ORLANDI, 2006) a serem lidas e problematizadas.

Adentrando na trama dessas versões, tomando-as como objetos discursivos, interrogar-se sobre a relação do próprio da língua com o sujeito e com o sentido, a partir da terminologia dos valores-diferenças que foram demarcados através da metáfora do jogo de xadrez no *CLG* de 1916 e em edições posteriores⁵, me parece ser a base fundamental e indispensável das leituras de Pêcheux (e do grupo de pesquisadores a ele relacionado) dos textos saussurianos. Para Claudine Normand (2012a, p. 125), a visada materialista se dá como tomada de posição específica “contra o positivismo sempre dominante nas ciências humanas”. Além disso, é possível afirmar ainda que a teoria saussuriana está na base mesma da constituição da Análise de Discurso materialista que foi desenvolvida a partir do final da década de 1960 por Pêcheux (GADET; LÉON; MALDIDIÉ; PLON, 2014). Na época da publicação de seu primeiro livro, Pêcheux desenvolve os fundamentos de sua teoria tendo como base o conceito linguístico de valor. O papel atribuído ao efeito metafórico, por exemplo, além de ser fundamentado pelo par metáfora e metonímia apresentado por Jakobson, é relacionado “acima de tudo pela compreensão de uma posição saussuriana sobre a língua, que parece dever algo ao mesmo tempo ao conceito de valor e à convivência com os Anagramas” (GADET; LÉON; MALDIDIÉ; PLON, 2014, p. 40).

O jogo de xadrez no *CLG* e nos cadernos dos alunos: um breve comentário

Diante desse posicionamento, os temas esboçados a seguir — a relação entre metáfora e metalinguagem, a questão do corte saussuriano e as consequências da tese do primado do valor sobre a significação — possibilitam demarcar um campo de discussões pertinentes à História das Ideias Linguísticas⁶.

Gostaria de iniciar tal leitura retomando alguns apontamentos de Normand (2012b, 2012c) sobre a relação entre metáfora e metalinguagem na obra de Saussure.

Normand (2012c) afirma que, em algumas notas manuscritas⁷ de Saussure, as metáforas, comparações e analogias são remetidas a sua impotência no terreno da língua e da linguagem: “Nous (sommes) au contraire profondément convaincus que quiconque pose le

⁴ Os pontos de retorno (o efeito-Saussure) e os embates discursivos pró e contra Saussure no corpo sócio-histórico da linguística é lido por Pêcheux (1998) em “Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas”.

⁵ Já considerada como a metáfora central da linguística saussuriana (BARTHES, 1985), é a partir da imagem da língua como um jogo de xadrez que Saussure (2006) concebe o objeto língua como um sistema de regras e valores puros.

⁶ Sem dúvida, nesse quadro teórico, não sou o primeiro a trabalhar nessa direção: os diversos estudos feitos por Christian Puech, assim como os trabalhos feitos por ele com Jean-Louis Chiss, o terceiro volume da enciclopédia *Histoire des idées linguistiques* (L'hégémonie du comparatisme) dirigida por Sylvain Auroux, e os diversos trabalhos publicados na revista *Histoire Épistémologie Langage* são exemplos produtivos de leituras sobre Saussure e sobre o campo histórico da “Linguística Geral”.

⁷ As citações saussurianas deste primeiro ponto estão presentes no artigo “O *Curso de Linguística Geral*: metáforas e metalinguagem”, de Normand (2012c). Advirto que, apesar de a autora se referir aos manuscritos, ela cita apenas a edição crítica do *CLG* publicada por Engler (1989). Da mesma forma, ela articula fontes saussurianas muito heterogêneas, não indicando a data provável de escrita de cada citação.

ped sur le terrain de la *langue* peut se dire qu'il est abandonné par toutes les analogies du ciel et de la <terre>" (SAUSSURE, 1989, p. 169, grifo do autor).

Da mesma forma, Saussure opõe-se a metáforas organicistas específicas: "Não existem línguas filhas nem línguas mães, não existem em parte alguma e nem jamais existiram. [...] nunca houve em parte alguma parturição ou procriação de um idioma novo por um idioma anterior" (SAUSSURE, 2004, p. 134). Contudo, "o tom parece [...] menos incisivo nas aulas que aceitam alguns acordos, por exemplo, sobre *organismo* e *sistema*" (NORMAND, 2012c, p. 83, grifo da autora). Apesar de organismo e sistema não serem sinônimos, Saussure indica somente que é preferível substituir um termo pelo outro: "digamos sempre, de preferência, sistema e não organismo, caso se queira. O que é linguística interna é o que se refere a seu sistema" (SAUSSURE *apud* NORMAND, 2012c, p. 84).

Por fim, para Saussure, não é possível estabelecer um programa de renovação completa da terminologia seguindo apenas a palavra de ordem ("Basta de figuras!") dos neogramáticos:

Proscrever a figura é se dizer de posse de todas as verdades, de outro modo você fica radicalmente sem condições de dizer onde começa e onde termina uma metáfora. [...] Chega de figuras? Assim, nada além de termos que correspondam às realidades absolutas da linguagem? Isso equivale a dizer que as realidades absolutas da linguagem não oferecem mistério para os neogramáticos, que eles as desvendaram para nós. (SAUSSURE, 2004, p. 201).

Na relação entre metáfora e metalinguagem, uma hesitação marca a obra saussuriana: "as metáforas são detestáveis, [...] mas sem elas não podemos ficar" (NORMAND, 2012c, p. 84). As metáforas são "detestáveis", mas elas são numerosas tanto no CLG de 1916 editado por Bally e Secheyne, quanto em notas manuscritas que foram editadas posteriormente ou nos cadernos dos alunos.

Além desses aspectos, no artigo "Metáfora e conceito: Saussure/Freud – sobre alguns problemas do discurso teórico", Normand argumenta que se Saussure não fala "precisamente de metáfora, ele teoriza, por outro lado, sobre a *atividade de associação* (comparação), fazendo desta um componente fundamental do ato linguístico" (NORMAND, 2012b, p. 47, grifo da autora). Nesse sentido, a sua definição de língua e de ato linguístico funciona por dois tipos de relação: a *associação* e a *analogia*, eliminando por tal relação o pressuposto clássico de um sentido primeiro, originário e sempre já lá:

Para sair da oposição clássica próprio/figurado, encontramos aqui algumas possibilidades: a língua como sistema de diferenças, sem termos positivos, implica (contém, mesmo que não seja realmente produto) o desaparecimento do pressuposto clássico de um sentido sempre já lá, idêntico a si mesmo sob formulações diversas (pois a identidade linguística é apenas uma relação). Desaparecimento, portanto, também do sentido próprio, original, que perde seu poder de jurisdição, uma vez que todas as diferenças se equivalem; em um campo sincrônico, nenhuma delas pode valer-se de privilégios com base em qualquer tipo de anterioridade. Assim, elimina-se a referência à origem e o problema é reformulado em termos de funcionamento, de jogo, de mecânica. (NORMAND, 2012b, p. 48)

Para deslocar a referência à origem para a questão do funcionamento, do jogo e da mecânica, o conceito de *valor*, inseparável do de sistema, é desenvolvido no CLG por analogia ao jogo de xadrez: qualquer peça que tenha sido destruída ou extraviada, no decorrer da partida, pode ser substituída por uma equivalente ou, até mesmo, por outra figura desprovida de qualquer semelhança, pois "será declarada idêntica, contanto que se lhe atribua

o mesmo valor” (SAUSSURE, 2006, p. 128). Em outros termos, as “peças” não têm funções dadas (como os órgãos), mas um funcionamento próprio no interior do jogo.

O valor, nesse sentido, ocuparia um lugar estratégico pelo qual Saussure pôde mudar de terreno em relação às ciências da linguagem de sua conjuntura. Deslocada da teoria da moeda (MILNER, 2002), a aproximação (metafórica) do valor linguístico com o valor econômico não é pontual, mas constitutiva de uma inquietação sobre os efeitos do próprio da língua sobre os falantes. Nessa orientação, retomo Ricoeur (2000, p. 440), que, depois de Derrida, mostrou a implicação da usura e do apagamento do processo no valor, produzindo uma “metaforicidade” sem limites da metáfora:

[O conceito de usura] traz sua própria metaforicidade, que não é de estranhar em uma concepção que se dedica precisamente a mostrar a metaforicidade sem limite da metáfora. Em sua supradeterminação, o conceito conduz, antes de tudo, a metáfora geológica da sedimentação, da erosão, do apagamento por desgaste, à qual se reúne a metáfora numismática do relevo abolido da medalha ou da moeda; e esta metáfora evoca, por seu turno, a ligação, várias vezes percebida, por Saussure entre outros, entre valor linguístico e valor monetário, aproximação que induz à suspeita de que a usura das coisas usuradas e usadas é também a usura dos usurários. No mesmo lance, o instrutivo paralelismo entre valor linguístico e valor econômico pode ser conduzido até o ponto em que sentido *próprio* e *propriedade* repentinamente revelam ser parentes no mesmo campo semântico. Seguindo a mesma linha de assonância, suspeitar-se-á que a metáfora pode ser a ‘mais-valia linguística’ [...] funcionando nas costas dos locutores, do mesmo modo que, na esfera do econômico, o produto do trabalho humano torna-se simultaneamente incognoscível e transcendente na mais-valia econômica e no fetichismo da mercadoria.

A partir de uma discussão sobre a questão do corte epistemológico⁸, Normand (2012b) mostrou que a metáfora era um meio frequente para a construção de conceitos nos trabalhos de Saussure e Freud. Posteriormente, em uma nota de rodapé do artigo “O *Curso de Linguística Geral*, metáforas e metalinguagem”, a autora problematiza a pertinência da oposição entre metáfora e conceito em ciências humanas, tentando partir dessa dúvida no quadro de questões relacionadas à metalinguagem. No domínio científico, o “recurso metafórico na pesquisa resume-se a um procedimento provisório, uma aproximação que, por um momento, dá espaço à imaginação, mas que deve posteriormente superar-se em definições puramente conceituais” (NORMAND, 2012c, p. 83)? Se a metáfora do jogo de xadrez foi formulada visando suplantando o obstáculo epistemológico da linguística, isto é, as concepções organicistas e substancialistas de língua, quais são as consequências teóricas dessa escolha metafórica na compreensão do objeto língua? As demarcações sobre o objeto língua, tal como entendido no *CLG* de 1916 toca, portanto, em duas questões fundamentais à História das Ideias Linguísticas: a relação entre metáfora e conceito; a relação do saber com o tempo, com a historicidade.

Nessa orientação, Normand indaga qual é o papel das metáforas, comparações e analogias na teoria saussuriana:

As metáforas, comparações, analogias, remetidas, desse modo, a sua impotência, desaparecem, apesar disso, do *CLG* e das notas manuscritas? Bem pelo contrário, como se sabe. Mas são, então, apenas um instrumento pedagógico cuja eficácia, acreditando-se em

⁸ “Entre os efeitos epistemológicos produzidos pelo corte, é conveniente fazer certas distinções. Para começar, o corte tem por efeito tornar impossíveis certos discursos ideológicos ou filosóficos que o precedem, quer dizer, conduzir a nova ciência a romper explicitamente com eles: a ruptura *epistemológica* surge assim como um efeito (‘de natureza’ filosófica) do corte (o que recorda, correlativamente, que não basta romper com uma ideologia para produzir um corte)” (BALIBAR; PÉCHEUX, 1971, p. 14, grifo dos autores).

Meillet, era incontestável? Defenderei, antes, a hipótese, apesar do pessimismo das observações precedentes, de que as escolhas metafóricas de Saussure nos esclarecem, ao mesmo tempo sobre as dificuldades próprias ao objeto *língua* e sobre o que se pode chamar de um “estilo” de trabalho reflexivo. (NORMAND, 2012c, p. 82, grifo da autora)

Considero que as metáforas, comparações e analogias⁹ são aspectos fundamentais à inquietude e à teoria saussuriana, exercendo um papel, sobretudo, conceitual na constituição do objeto da linguística, ou seja, *o próprio da língua*¹⁰. Ora, em diversos momentos, Saussure adverte que a natureza do objeto em linguística impõe uma ordem estranha à univocidade e à positividade das ciências: o autor se pergunta se a linguística encontra, como objeto imediato, “um objeto *dado*, um conjunto de coisas evidentes, como é o caso da física, da química, da botânica, da astronomia, etc.? De maneira alguma e em momento algum: ela se situa no extremo oposto das ciências que podem partir do dado dos sentidos” (SAUSSURE, 2004, p. 23, grifo do autor).

Ao tratar a língua como um sistema de diferenças sem termos positivos, Saussure desloca as problemáticas clássicas da origem e da representação. Considerado em sua relação com o jogo, o valor é um espaço sistêmico capaz de subversão com a tradição filosófica, provocando o esfacelamento da representação e da complementaridade (GADET; PÊCHEUX, 2010). Para Henry (1992), a comparação estabelece a separação entre o externo e o interno ao sistema, a diacronia e a sincronia e, finalmente, o valor e a significação. Em relação à última “oposição”, a metáfora coloca em jogo o princípio da subordinação da significação ao valor, rejeitando a concepção de língua como nomenclatura, ou seja, como uma soma de termos isolados do sistema negativo de relações e diferenças: “Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (SAUSSURE, 2006, p. 136).

No tocante ao fato linguístico, em sua essência e amplitude, o princípio de subordinação da significação ao valor “tem precisamente por efeito interromper bruscamente todo retorno ao sujeito, quando se trata da língua” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007, p. 17). Nesse sentido, na comparação da língua com a partida de xadrez, Saussure refuta qualquer possibilidade de haver um jogador consciente e intencional, como se no jogo da língua não houvesse jogadores: “existe apenas um ponto em que a comparação falha: o jogador de xadrez tem a *intenção* de executar o deslocamento e de exercer uma ação sobre o sistema, enquanto a língua não premedita nada; é **espontânea e fortuitamente** que suas peças se deslocam – ou melhor, se modificam” (SAUSSURE, 2006, p. 105, itálico do autor, negrito nosso). Com essa série de formulações, é possível dizer que o sujeito não se encontra definido “positivamente” enquanto entidade consciente. A partir da comparação saussuriana da língua com uma partida de xadrez, é possível pensar que, no lugar do sujeito, encontra-se somente sua posição no jogo da língua. Inscrevendo-se na ordem da metáfora, o jogo da língua é uma rede de diferenças eternamente negativas.

No caderno I de Riedlinger, em 1908, Saussure assinala que os signos não existem por seu valor intrínseco, mas por sua posição relativa, como em um jogo de xadrez (“Ces signes

⁹ Segundo Normand, tais distinções, importantes para a retórica e para a lógica, são pouco relevantes “quando se trata dos desvios e titubeações de uma terminologia que busca se estabelecer” (NORMAND, 2012c, p. 82).

¹⁰ « Dans ce qui appartient à la langue il pressent certaines propriétés qu'on ne retrouve nulle part ailleurs. *A quoi qu'on la compare, la langue apparaît toujours comme quelque chose de différent.* Mais en quoi est-elle différente ? Considérant cette activité, le langage, où tant de facteurs sont associés, biologiques, physiques et psychiques, individuels et sociaux, historiques, esthétiques, pragmatiques, il se demande : où est en propre la langue ? » (BENVENISTE, 1966, p. 33, grifo meu).

agissent donc non par leur valeur intrinsèque mais par leur position relative comme dans un jeu d'échecs” (SAUSSURE, 1997, p. 8)), colocando o princípio da subordinação do signo (e da significação) ao valor como fundamento de sua linguística, diferentemente da disposição da *vulgata*. Nessa orientação, ainda no primeiro caderno, vê-se que o caráter fundamental de um sistema é ser fundado a partir de suas oposições e diferentes combinações de forças atribuídas às peças (“comme un jeu d'échec <avec les différentes combinaisons de forces attribuées aux différentes pièces>” (SAUSSURE, 1997, p. 18)). Novamente, tem-se a compreensão de que a língua se dá como um jogo de suas unidades uma em relação à outra. No caderno I de Patois, a língua é entendida como sistema que admite apenas sua própria ordem. Ao problematizar os aspectos internos e externos ao sistema linguístico e ao jogo (neste caso, a origem do jogo, seu nome, a matéria que compõe as peças), o autor afirma que, em todo sistema, só há valores e as outras realidades são ilusões, não havendo, por exemplo, unidades simples e unidade material fora de seu valor.

Na mesma orientação, no caderno II de Constantin, a primeira comparação da língua com uma partida de xadrez concerne à separação entre a fonética (interna à língua) e a *lautphysiologie*, em que o jogo de valores em oposição é considerado como mais importante do que o conhecimento da matéria em que as peças são formadas (madeira e marfim). No caderno IX de Constantin, Saussure estabelece uma comparação em três termos: a) que o valor da peça é determinado unicamente por sua posição respectiva no sistema, como, por exemplo, *foot* (singular) e *feet* (plural); b) o valor de cada peça é sempre temporário (passagem de uma sincronia a outra); c) o fato do deslocamento é absolutamente diferente de dois estados de equilíbrio, antecedente ou subsequente. Assim como na *vulgata*,

Dans le jeu d'échecs le joueur a l'intention en déplaçant une pièce de faire <le déplacement et d'opérer> une action sur le système. Quand la langue fait un coup (un changement diachronique), elle ne prémédite rien. C'est spontanément et fortuitement que les pièces d'échecs [Gast → Gäste ; Hand → Hände ; tragt → Trägt] se trouvent en face les unes des autres. (SAUSSURE, 1993, p. 115)

Considerações finais

Finalizo este ensaio com as seguintes considerações: a partir do momento em que a língua é concebida como um sistema que autoriza combinações e substituições regradas por elementos definidos, a língua já não tem a *função* de exprimir sentido, “ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o *funcionamento*” (PÊCHEUX, 2014, p. 60, grifo do autor). Ao retomar “a metáfora do jogo de xadrez utilizada por Saussure para pensar o objeto da linguística, diremos que não se deve procurar o que cada parte *significa, mas quais são as regras que tornam possível* qualquer parte, quer se realize ou não” (PÊCHEUX, 2014, p. 60, grifo do autor). Isto é, do ponto de vista do *corte* que marca a sua contribuição aos fundamentos da linguística moderna, Saussure (2006) desenvolveu a concepção de língua como um *sistema de regras e valores puros*, recorrendo à célebre metáfora do jogo de xadrez.

Se se pode pensar em interior específico da língua, Saussure só o faz ao recorrer ao valor e não à clássica oposição dentro/fora. O “fora” do jogo é interdito ao sujeito (locução da proibição). As “bordas” do espaço de jogo recobrem o número finito de casas, peças e combinações, sustentando o espaço não-finito do não-todo da língua (MILNER, 2012). O próprio desdobramento estruturalista, de filiação saussuriana, radicalizaria essa asserção, privilegiando nos jogos “lógicos” (como o xadrez) “uma combinatória dos locais num puro *spatium* infinitamente mais profundo que a extensão real do tabuleiro e que a extensão imaginária de cada figura” (DELEUZE, 2005, p. 245).

A partir de Saussure, a língua é *demarcada* pela sua separação do homem, do humanismo e do sonho positivo da presença plena:

Há portanto duas interpretações da interpretação da estrutura, do signo e do jogo. Uma procura decifrar, sonha decifrar uma verdade ou uma origem que escapam ao jogo e à ordem do signo [...]. A outra, que já não está voltada para a origem, afirma o jogo e procura superar o homem e o humanismo, sendo o nome do homem o nome desse ser que, através [...] da totalidade de sua história, sonhou a presença plena, o fundamento tranquilizador, a origem e o fim do jogo. (DERRIDA, 1995, p. 249)

A presença plena fora do jogo representa o próprio impossível. Dessa forma, o sujeito não se encontra definido “positivamente” enquanto entidade consciente. A partir da comparação saussuriana da língua com uma partida de xadrez, no lugar do sujeito, encontra-se somente sua posição no jogo da língua.

Inscrevendo-se na ordem da metáfora, o jogo da língua é uma rede de diferenças eternamente negativas. No entanto, apesar de demarcar uma ordem própria estranha ao humanismo, até mesmo no interior do próprio saussurianismo e de seus percursos de sentidos, essa metáfora “central” da linguística saussuriana tem pontos de deriva equívocos, ameaçando a) retornar à metáfora do corpo orgânico e à clássica oposição entre dentro/fora; b) encobrir o valor na imagem do jogo (implicando um número finito de casas, peças e combinações¹¹); e c) negar o equívoco do associativo, sob a univocidade (psico-)lógica das escolhas e das intenções seletivas dos jogadores-estrategistas. Por uma superabundância do significante, o estranho destino da imagem do jogo de xadrez, intrinsecamente enredada na trama fatal dos comentários, das leituras, da Exegese, das “traduções”, das versões, entra na série perigosa de imagens – ocultações mostradas – que são indefinidamente substituídas nas retomadas do discurso.

REFERÊNCIAS

- BALIBAR, É.; PÊCHEUX, M. Definições. In: FICHANT, Michel; PÊCHEUX, Michel. *Sobre a história das ciências*. Lisboa: Estampa, 1971. p. 11-16.
- BARTHES, R. Saussure, le signe, la démocratie. In: _____. *L'Aventure Sémiologique*. Paris: Seuil, 1985. p. 221-226.
- BENVENISTE, É. Saussure après un demi-siècle. In: _____. *Problèmes de Linguistique Générale I*. Paris: Gallimard, 1966. p. 32-48.
- BOUQUET, S.; ENGLER, R. Prefácio dos editores. In: SAUSSURE, F. de. *Escritos de Linguística Geral*: organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 11-18.
- CALVET, L.-J. *Saussure: pró e contra: para uma linguística social*. São Paulo: Cultrix, 1977. 111 p.
- CHISS, J.-L.; PUECH, C. Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la linguistique moderne. *Langages*, Paris, v.28, n.114, p. 41-53, 1994.

¹¹ O xadrez, enquanto comparação de lógico, constituiria a imagem de uma totalidade imaginária (fantasia) que só pode ser, ela mesma, total? De qualquer forma, na língua, a completude e a consistência são barradas pelo valor (que pode sempre tornar-se outro, segundo pontos de deriva possíveis), pela possibilidade de criação (analogia), pelo esquecimento e pelo equívoco do associativo.

- DELEUZE, G. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: _____. *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974)*. São Paulo: Iluminuras, 2005. p. 238-269.
- DERRIDA, J. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: _____. *A escritura e a diferença*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 227-248.
- FOUCAULT, M. O que é um autor? In: _____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298. (Ditos e Escritos, III).
- GADET, F.; LÉON, J.; MALDIDIER, D.; PLON, M. Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França em 1969. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014. p. 39-58.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível*. 2. ed. Campinas: RG, 2010. 223 p.
- GUIMARÃES, E. *História da Semântica: Sujeito, sentido e gramática no Brasil*. Campinas: Pontes, 2004. 142 p.
- HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João, 2007. p. 13-32.
- HENRY, P. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. 241 p.
- MILNER, J.-C. Retour à Saussure. In: _____. *Le périple structural: figures et paradigme*. Paris: Éditions du Seuil, 2002. p. 15-44.
- _____. *O amor da língua*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012. 127 p.
- NORMAND, C. Filosofia dos linguistas e teoria do sujeito. In: _____. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2012a, p. 125-134.
- _____. Metáfora e conceito: Saussure/Freud – sobre alguns problemas do discurso teórico. In: NORMAND, C. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2012b, p. 47-80.
- _____. *O Curso de Linguística Geral, metáforas e metalinguagem*. In: NORMAND, C. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2012c. p. 81-96.
- NUNES, J. H. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas. *Letras*, Santa Maria, v.18, n.2, p. 107-124, 2008.
- ORLANDI, E. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. *Teias*: Rio de Janeiro, n. 13-14, p. 1-7, jan./dez. 2006.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 59-158.
- _____. Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n.2, p. 7-32, jul./dez. 1998.
- RICOEUR, P. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000. 500 p.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. Ed. Crítica de Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1989. Tome I. 515 p.
- _____. *Troisième Cours de Linguistique Generale (1910-1911): d'après les cahiers d'Emile Constantin*. Oxford/New York/Seoul/Tokyo: Pergamon, 1993. 173 p.

_____. *Deuxième Cours de Linguistique Generale (1908-1909)*: d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois. Oxford/New York/Seoul/Tokyo: Pergamon, 1997. 192 p.

_____. *Escritos de Linguística Geral*: organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2004. 296 p.

_____. *Curso de Linguística Geral*: organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 2006. 279 p.

Recebido em: 04/10/2015

Aprovado em: 11/04/2016